

Buzina

O melhor da cultura em Florianópolis de 1/10 a 15/10/2012

Centro esquecido

Região será de novo o coração cultural da cidade?



Axé ilhéu



Domésticas em cena



Ópera pop

CARTA AO LEITOR

Querido Leitor,

Esta revista nasce de algumas perguntas. Do que você gosta? Que tipo de música escuta? Quais filmes assiste? O que chama sua atenção na cultura da cidade? E a última, mas não menos importante: o que você não conhece, mas poderia gostar?

Florianópolis possui um território cultural pouco explorado pela imprensa. Você sabia que no Ribeirão da Ilha existe uma banda fazendo música na beira do mar há mais de 100 anos? Já ouviu falar de grupos teatrais que procuram mostrar que ópera não é só coisa de elite? É dessa parte da cidade que pretendemos tratar. Claro, ninguém quer ficar ilhado. Por isso, volta e meia a revista também terá novidades de outros lugares do Brasil e do mundo.

A gente acredita que quando se vive fechado em um mesmo círculo, consumindo as mesmas coisas o tempo todo, perdem-se oportunidades. De ouvir novas músicas, assistir novos filmes, ler novos livros. Por isso, nossa intenção é que as páginas da *Buzina* sejam não apenas espelhos onde você se enxergue, mas também janelas para o novo.

Se esta edição surpreender você, em uma reportagem que seja, nosso objetivo foi alcançado. Não esqueça de contar pra gente depois pelo e-mail redacao@buzina.com.br.

Abraço,
Rosielle Machado, Editora



COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Bruno e Diogo Rinaldi são designers do estúdio Lobotomáticos. É deles o projeto gráfico da *Buzina*

Bárbara Dias Lino é jornalista apaixonada por TV e assina *A vez das domésticas*

Camila Amorim é estudante de Arquitetura da UFSC e ilustra a reportagem de capa

Cesar Soto estuda Jornalismo na UFSC e colabora com *Peixonauta Turbinado*

Débora Rossetto é cineasta. Nesta edição, escreve *Garrancho de amor à ilha*

Felipe Parucci é designer gráfico e ilustra *Garrancho de amor à ilha*

Rosielle Machado é estudante de Jornalismo da UFSC e editora da *Buzina*. São dela os demais textos da revista

Stefano Macarinni é estudante de Engenharia e fotógrafo. São dele as fotos da reportagem *Centro esquecido*.

Expediente

A revista *Buzina* é resultado da disciplina Projetos Experimentais, apresentada como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da UFSC no semestre 2012.2

Editora e repórter

Rosielle Machado

Orientação

Daisi Vogel

Projeto gráfico e diagramação

Estúdio Lobotomáticos

Foto de Capa

Stefano Macarinni

Impressão

Gráfica Natal

MÚSICA

- 4 **Axé ilhéu**
Diana Dias conta como é ser pioneira do ritmo baiano no Sul
- 7 **Quem é do mar não enjoa**
Os 116 anos da banda do Ribeirão da Ilha

CINEMA

- 10 **O francês que virou pop**
"Intocáveis" leva 500 mil brasileiros aos cinemas
- 11 **Ursinho subversivo**
"Ted", o filme sem graça que incomodou um deputado
- 12 **Quem tem medo de cinema catarinense?**
Se você tem é porque não conhece o curta "Qual queijo você quer?"

TV

- 13 **A vez das domésticas**
"Cheias de Charme" e a televisão atual

CAPA

- 14 **Centro esquecido**
Região será de novo o coração cultural da cidade?

LIVROS

- 18 **Poeta de sete faces**
O lado contista de Carlos Drummond de Andrade em "Contos plausíveis"
- 19 **O outro lado do presídio**
Saiba mais sobre o lançamento de Dráuzio Varella, "Carcereiros"

ESPETÁCULOS

- 23 **Ópera para todo gosto**
Experiências mostram que o gênero não é só coisa de elite

AGENDA

- 24 **É Grátis**
O que fazer nos próximos 15 dias sem maltratar o bolso

CRÔNICA

- 26 **Garrancho de amor à Ilha**
As particularidades de se viver em um pedacinho de terra





Foto: Divulgação

Axé ilhéu

Dona de uma voz marcante, Diana Dias é a primeira cantora do Sul do país a se arriscar no ritmo baiano

Das duas, uma. Ou os orixás conspiram a favor de Diana Dias, ou ela está mais para o que disse Pablo Picasso ao ser questionado se era um pintor pé quente: “Sim, tenho sorte, e cada vez que ela bate à minha porta estou no ateliê trabalhando”.

Quando a sorte bateu na porta de Diana Dias pela primeira vez, ela não estava em nenhum ateliê. Estava na **micareta**. Era a terceira noite do Folianópolis 2010 e ela havia sido convidada para conhecer Ivete Sangalo em uma reportagem de TV local. Ao saber que a catarinense tinha cantado nos shows de divulgação do evento, Ivete a chamou para uma participação em cima do trio elétrico. “Foi o pé direito da minha carreira”, lembra Diana.

A sorte voltou a rondar a porta da cantora em algumas outras ocasiões. Depois do dueto com a baiana, dividiu palco com Saulo

Fernandes, Michel Teló, Sorriso Maroto, Exaltasamba e Tomate. Hoje, aos 24 anos, é atração obrigatória em micaretas do Sul do país, apresentou-se em mais oito estados do Brasil e começa a gravar **músicas próprias** para lançar o primeiro CD.

Filha única de um casal de funcionários públicos, Diana nasceu e cresceu no centro de Florianópolis. Com primos instrumentistas e avó ex-cantora de rádio, na infância participou do coral da família. Na adolescência, foi vocalista da banda da escola e, aos 17 anos, enquanto se preparava para o vestibular, apresentava-se em bares da cidade com um trio de MPB.

A cantora montou sua **primeira banda** de axé, a Frisson, logo após passar para o curso de Engenharia de Produção Civil na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Naquela época, fazia

tudo: marketing, financeiro, divulgação e contratação de músicos. Foi só em 2011, após fechar contrato com uma produtora e se lançar em carreira solo, que a manezinha se entregou de corpo, alma e voz à música. “Deixei de ser a ‘Severino’ para me dedicar mais.”

Desde então, Diana passou a dar prioridade à vida de cantora, apoiada pelos pais e pelo namorado. Mesmo assim, ainda pretende pegar o **diploma de engenheira**. Alia as aulas de cálculo à rotina de treinamento vocal, dança, musculação, fonoaudióloga e nutricionista. Além disso, busca seguir à risca o conselho que recebeu de Ivete Sangalo naquela noite que mudou sua vida, há dois anos: “Ela me disse que se você coloca o sucesso em primeiro lugar, as coisas não acontecem, mas se você coloca a vontade de cantar, o sucesso é consequência”.

O início da sua carreira coincide com a época em que Florianópolis começou a receber mais micaretas. A escolha pelo axé foi influenciada pelo fato de você ter enxergado um nicho de mercado em Santa Catarina?

Eu uni o útil ao agradável. Quando decidi montar uma banda em 2010, queria fazer algo que eu gostasse. Eu sabia que não queria cantar em barzinho porque já tinha tido essa experiência. Eu queria um pouco mais. Queria um show, uma performance, uma dança. Eu visualizava isso no axé, que era uma coisa que não tinha aqui. Claro, ao mesmo tempo em que esse ineditismo podia ser bom, também podia ser arriscado, mas não vou dizer que cheguei a ficar em dúvida. Foi tudo repentino, não pensei muito. A paixão estava ali, eu tive a vontade, vi que não existiam bandas de axé aqui, fui e fiz.

Quais foram as maiores dificuldades de ser pioneira?

No começo eu sentia bastante receio em relação aos dançarinos. Ficava preocupada com até que ponto a dança deles não iria remeter a uma coisa vulgar ou agressiva para as pessoas daqui, que são mais conservadoras. Eu pedia para eles não apelarem para o lado sensual, para irem com calma e não usarem shorts, por exemplo. A dificuldade foi mais desse lado, porque desde o início eu notei que tinha muita gente que gostava de axé, mas não tinha acesso.

Costumam chamar você de “Ivete Sangalo manezinha”. Você se inspira nela ou procura fugir da comparação?

Ser comparada muitas vezes não é legal pelo fato de a gente querer ter uma identidade própria, mas como eu não vou gostar de ser comparada com a Ivete Sangalo? É a Ivete! Eu fico muito lisonjeada, muito mesmo. Agora em relação à inspiração, eu já acho que tem que ser totalmente o contrário. A minha inspiração na Ivete é pessoal. Ela é uma pessoa comprometida, que não deixou o sucesso subir à cabeça. Eu gosto de me inspirar nessa parte, mas como artista eu tento evitar, até pra conseguir encontrar meu estilo, minha personalidade e qual caminho devo seguir nas minhas músicas autorais.

Como é fazer um axé voltado para o Sul e não para o Nordeste?

Minha intensão não é fazer igual o que já é feito no Nordeste. Quero pegar a linha percussiva, a coisa brasileira, e acrescentar a nossa cereja do bolo. O que vai ser essa cereja, eu ainda não sei e não acredito que vou definir tão cedo. “O chão vai tremer”, por exemplo, tem uma pegada eletrônica. “Se você for” já tem mais uma coisa havaiana, do mar, que é algo forte em Florianópolis também. Vejo artistas com 20 anos de carreira que ainda estão buscando seu estilo, então eu não tenho essa pretensão. A gente vai experimentando.



Foto: Diraulgato

VISÃO
“Desde o início notei que muita gente gostava de axé, mas não tinha acesso”

“**Minha intensão não é imitar a música do Nordeste. Quero pegar a linha percussiva, a coisa brasileira, e acrescentar nossa cereja do bolo**”



Foto: Marco Dutra

SORTE
Cantora foi convidada por Michel Teló para dueto em janeiro deste ano, no P12

Suas primeiras músicas, “O Chão vai tremer” e “Se você for”, foram compostas pelos catarinenses Maicon, da dupla Marlon e Maicon, e Chico, do Dazaranha. Utilizar compositores daqui é uma maneira de conseguir um estilo mais local?

Gosto de valorizar o pessoal daqui. Acho legal mesclar esse talentos catarinenses e imprimir isso num trabalho nosso. Essa talvez seja justamente a cereja do nosso bolo. Uma composição nossa, com adaptações de axé e produção musical daqui, para ficar com a nossa cara e ter um estilo diferente.

Neste ano você cantou no carnaval de Salvador, em uma participação especial no trio elétrico do cantor André Leis. É diferente se apresentar lá e aqui?

Em Salvador se reúne o pessoal que gosta mesmo, que respira axé e vai cantar desde a música mais lenta até a mais agitada. Aqui em Florianópolis, não. Aqui existem as pessoas que se entregam, mas também as que estão ali fazendo pose. Tem festa em que o pessoal vai por *status*, mas também tem o cara que compra abadá pra micareta porque sabe que vai ouvir “Dança do Vampiro” e descer até o chão. Aqui tem um pouco das duas coisas. Já em Salvador parece que está todo mundo falando a mesma língua.

Você já fez participações em shows de Ivete Sangalo, Michel Teló, Saulo Fernandes, entre outros. Qual foi a mais marcante?

A da Ivete foi o pé direito da minha carreira, mas a que mais mexeu comigo foi a do Saulo. Eu estava no show da banda Eva aqui em Florianópolis e umas fãs de Curitiba levaram uma plaquinha pedindo para ele me chamar para cantar. No final, já na hora dos agradecimentos, ele disse no microfone que queria chamar a tal Diana Dias no palco. Eu não estava esperando, nem tinha conversado com ele antes. Foi muito legal porque foi inesperado. Fiquei uns três dias sem acreditar!

De quem você sonha receber um convite para cantar junto?

É difícil pensar assim de repente, mas seria um prazer cantar com a Daniela Mercury, a precursora do axé.

Quais os planos para o futuro da sua carreira?

Eu me preocupo muito com o hoje, mas se for pra dizer uma coisa que eu quero para o ano que vem é o CD. Não o CD pronto, mas quero gravar as músicas e ir lançando aos poucos na internet pra ver a resposta do público. A gente pensa em lançar um CD e um DVD juntos, mas antes quero trabalhar as músicas próprias, regravar alguns sucessos de outros cantores, colocar na rádio e fazer cair na boca do povo. »



Foto: Divulgação

PÉ DIREITO
Participação no show de Ivete Sangalo, em 2010, fez carreira engrenar

“Como eu não vou gostar de ser comparada com a Ivete Sangalo? É a Ivete! Mas quanto à inspiração nela como artista, eu tento evitar pra conseguir achar meu estilo”



Foto: Divulgação

FUTURO
“Se for pra dizer uma coisa que eu quero para o ano que vem, é o CD”

Quem é do mar não enjoa

Aos 116 anos, Sociedade Musical e Recreativa Lapa é uma das últimas bandas tradicionais em atividade na ilha

Durante os ensaios da Sociedade Musical e Recreativa Lapa, o vai e vem das ondas é tão instrumento musical quanto o saxofone, o clarinete e a percussão. Nem o isolamento acústico da sede, a 20 passos da praia, é suficiente para abafar o som da água batendo na areia do **Ribeirão da Ilha**. Não que os músicos se importem. Para eles, o mar é parte da história: foi em frente a ele que o grupo nasceu há 116 anos e é lá que até hoje resiste como uma das últimas bandas centenárias de Florianópolis.

No começo dos anos 1900, segundo jornais antigos, existiam quase 20 bandas na cidade. Sobraram três: Amor à Arte, Filarmônica Comercial e a Sociedade Musical e Recreativa Lapa. Com tradição em ensinar música para alunos de todas as idades, apresentar-se em festas de igreja e animar o bloco carnavalesco Zé Pereira, a banda da Lapa é a mais ativa entre elas.

Um dos motivos, dizem os músicos, é que ela

Banda tem tradição em ensinar música, tocar nas festas de igreja e animar o bloco de carnaval Zé Pereira

existiam. Nem o asfalto, a energia elétrica, os carros e a maior parte das casas. A banda também era diferente: tinha só instrumentos de sopro, não admitia mulheres e era formada principalmente por moradores locais. Agora, tem integrantes de outras partes da cidade, guitarras, violões, e um repertório moderno

evoluiu junto com o Ribeirão da Ilha. Em 1896, quando surgiu, os restaurantes famosos do bairro não

com Queen, Victor e Léo e Seu Jorge.

Os **30 músicos** são todos voluntários. A maioria tem outra profissão e toca por hobby, mas de vez em quando acontece de alguém começar a levar o passatempo a sério. Foi o caso de Wellington Carlos Correa, saxofonista da banda por 14 anos e hoje sargento-músico da Aeronáutica: “Eu não sabia direito o que fazer da vida e a música me ajudou a encontrar um emprego”.

É o mesmo que diz Alécio Heindenreich, 83 anos de idade e 61 de banda. “Eu digo para os jovens se esforcem, porque ser músico é um ofício”. Para o ex-funcionário público, o saxofone não chegou a ser profissão oficial,

mas quase. “Foi metade da minha vida”, lembra ele, que por causa da banda passou 25 anos dormindo dentro de um fusca, uma vez por semana. Todas as quintas-feiras, após o ensaio, Alécio levava o maestro até o centro e, para não voltar ao Sul da Ilha, dormia na frente da repartição onde trabalhava.

Faz anos que Alécio deixou de pernoitar no carro. Há cinco, parou também com o saxofone, mas continua sendo quem mais torce para que a banda da Lapa realize os planos futuros: construir um segundo andar na sede e **gravar CD** de músicas próprias. “Quero que eu vá e a banda fique. Ela é parte da comunidade, é metade do Ribeirão.”



TRADIÇÃO
Grupo se apresenta no cortejo da Festa do Divino, no Ribeirão da Ilha

Grupo aguarda dinheiro atrasado do programa Pontos de Cultura

A Sociedade Musical e Recreativa Lapa é um dos 43 projetos de Santa Catarina que aguardam o pagamento da parcela de 2012 do programa Pontos de Cultura, do Ministério da Cultura. Segundo o convênio assinado em 2009, a banda deveria ter recebido **R\$ 60 mil** em junho, mas o dinheiro ainda não foi repassado pelo governo estadual. A previsão da Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte é que a quantia seja liberada em dezembro.

“Nossa sorte é que a gente não depende só desse dinheiro, diferente de outros pontos de cultura do estado”, diz a clarinetista Valéria Martins. “Como é todo mundo voluntário, a banda se vira com o cachê de R\$ 1000 que ganha por apresentação.” »





Olhos azuis ao vivo

Além de ser um dos maiores músicos do país, Chico Buarque é também um dos mais ativos: em 45 anos de carreira, lançou mais de 40 discos. Já nos palcos, ele não é tão presente assim. A turnê de 2011 foi apenas a sexta em 36 anos. O **CD e DVD** “Na Carreira ao vivo” é um registro dessas apresentações, gravadas de novembro do ano passado a maio deste ano.

Entre as 30 faixas, há canções de todas as fases musicais do cantor – desde os anos 1960 até o disco mais recente, de 2011. Além de clássicos como “Geni e o Zepelim” e “Futuros amantes”, algumas músicas famosas ganham cara nova. O sucesso de 1973 “Cálice”, por exemplo, vira o surpreendente “Rap de Cálice”. »



Praieiro e romântico

Primeiro trabalho solo do guitarrista do Dazaranha Chico Martins, “Pra ficar” é uma espécie de primo romântico da banda da qual Chico faz parte há 20 anos. O CD lembra muito o suingue praieiro do grupo de **reggae-rock mais famoso da ilha**, mas tem personalidade própria. É mais sentimental em músicas como “Menina” e mais ousado no samba “Aonde eu me levar”.

O disco foi uma maneira de Chico escoar as composições pessoais que acumulou ao longo do tempo. O trabalho no Dazaranha, no entanto, continua firme. É possível ouvir uma palhinha de cada faixa em www.chicomartins.com. »



Som ensolarado

Imagine transformar otimismo em melodia. Os **manezinhos** Leo Irvine e Cisso Fernando conseguiram essa proeza. Em “Journey”, música de estreia da banda Casablanca, a sensação de estarmos em um dia ensolarado de janeiro vem já no assobio inicial.

Quanto à opção pela letra em inglês, Cisso explica que a banda levou em conta a possibilidade de divulgação para fora do país, pela internet. “Isso pesou bastante na escolha da língua, mas também foi algo que fluiu naturalmente quando começamos a compor.”

Misto de indie rock e surf music, o primeiro disco do Casablanca, com seis músicas, deve sair no próximo mês. Até lá, é possível baixar “Journey” de graça no endereço: <http://tinyurl.com/casablanca-journey>. »



Arrocha desbravador

O ritmo, a letra, os vocais. Cada detalhe da primeira música de Edio e Thiago, “Fazer bem gostosinho”, parece ter potencial para alavancá-la a hit nas baladas sertanejas da cidade. E por que não Brasil afora?, sonham os cantores da **dupla florianopolitana** formada em julho deste ano. “A gente quer continuar com o público daqui, mas também tentar conquistar o do Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste.”

Seguindo a febre do arrocha, ritmo baiano com pé no sertanejo, “Fazer bem gostosinho” de fato tem chances de ultrapassar as fronteiras catarinenses. É dançante e fácil de cantar, combinação certa para agradar aos fãs desse estilo musical. O CD completo, em processo de gravação, está previsto para novembro. »



DESPRETENSÃO
Quarteto gravou
CD sem imaginar
que ganharia
tanta fama em
seis meses

Foto: Divulgação

Alabama Shakes

Embalado por uma das melhores vozes dos últimos tempos, grupo americano é considerado a nova promessa do rock

Existem vozes que não entram pelas orelhas, mas pelos poros. A voz de Brittany Howard é assim. Rouca, potente e segura, nem parece vir de alguém com apenas 23 anos. É essa a idade da vocalista do Alabama

Shakes, banda americana que lançou o primeiro CD em abril deste ano e passou a ser considerada uma

das promessas do rock atual.

O grupo surgiu em **Athens**, cidade de 20 mil habitantes no estado do Alabama, pelo mesmo motivo que faz tantas bandas surgirem: quatro jovens estavam entediados. Despretensiosos, gravaram o primeiro disco mais para vender nos shows do que para conseguir fama. Jamais sonhavam com a repercussão que tiveram nos últimos meses.

Apesar de ter começado fazendo sucesso em círculos alternativos, aos poucos Alabama

Shakes conquista espaço entre o grande público. Nos Estados Unidos, tornou-se figurinha carimbada em programas de televisão. No Brasil, anote aí, não demora muito para alguma música do quinteto tocar na rádio ou virar trilha sonora da novela das 21h. A primeira passagem por território brasileiro já tem até data. Em março, o grupo se apresenta em um festival de São Paulo.

O **conteúdo das letras** do CD "Boys and Girls" varia entre declarações amorosas e belas lavações de roupa suja. Há faixas agitadas, mas a maioria é lindamente triste.

Sufrimento, senhores, sofrimento pior que de cachorro caído do caminhão de mudança. Mas não de uma maneira melosa, e sim bonita. Daquele tipo que lava a alma. »

Vale conhecer

Para quem gosta de: Amy Winehouse, Adele, James Brown, Creedance e Janis Joplin.

Comece por: "I found you", uma das mais famosas, e "You ain't alone", a mais bonita.

Preste atenção: em como a voz da vocalista é carregada de emoção.

Banda fará primeira apresentação no Brasil em março de 2013



SEM PRECONCEITO
Filme mostra amizade entre milionário tetraplégico e imigrante senegalês

O francês que virou pop

Após levar mais de 500 mil brasileiros aos cinemas, "Intocáveis" tem últimas semanas nas salas de Florianópolis

Quem disse que cinema francês não pode ser popular? Lançado em novembro de 2011, "Intocáveis" alcançou 20 milhões de espectadores no mundo e mais de 500 mil desde que chegou ao Brasil, em agosto deste ano. **Forte concorrente** ao próximo Oscar, é o filme francês mais assistido de todos os tempos. Antes, a maior bilheteria do país pertencia ao "Fabuloso Destino de Amélie Poulain", longa de 2001 geralmente definido pelos fãs como "fofo".

"Intocáveis" tem apelo por ser baseado em uma história real. Mais do que isso, uma ótima **história real**. O filme trata da improvável amizade entre um milionário tetraplégico e um imigrante senegalês da periferia parisiense. Cansado de não encontrar bons enfermeiros, o rico de meia idade Philippe (François Cluzet) decide contratar Driss (Omar Sy). Apesar de totalmente despreparado para o serviço, o jovem acaba sendo justamente o que Philippe precisa: um amigo.

Ao contrário do que parece, filme tem pouco drama e foge do que se espera de um enredo que envolve deficiência física e imigração

O filme é daqueles que fazem a gente sair do cinema com o coração leve. Ao contrário do que pode parecer, há pouco drama. O forte

de "Intocáveis" é fugir daquilo que se espera de um enredo que envolve deficiência física e imigração. Se para os investidores do estúdio cinematográfico isso foi inicialmente um problema (um deles chegou a perguntar se o personagem principal não poderia "andar um pouco no final"), hoje é o que garante sucesso.

Nos Estados Unidos, já existem até planos para a gravação de uma **versão americana** no final deste ano, com o diretor Paul Feig ("Missão Madrinha de Casamento") e o ator Colin Firth ("O Discurso do Rei"). Se vai conseguir superar a original, não se sabe. Mas

quem quiser conferir o filme francês que conseguiu a proeza de virar fenômeno mundial, **até 15/10 há sessões** nas salas dos shoppings Beiramar, Floripa, Iguatemi e no Paradigma Cine Arte. »

Ursinho subversivo

Por que um deputado tentou proibir uma comédia (e por que você não deve se dar ao trabalho de assisti-la)

Em tempo de eleições e julgamento do mensalão, o deputado federal Protógenes Queiroz foi se indignar logo com um ursinho de pelúcia. Após levar o filho de 11 anos ao cinema para assistir “Ted”, que tem classificação indicativa de 16 anos, o político

deu início a uma cruzada pessoal para impedir a exibição da comédia no Brasil. O motivo seria que o filme “instrui o espectador a não estudar e a não trabalhar”.

Protógenes não conseguiu ir muito longe com sua tentativa de **censura**, mas foi o suficiente para que “Ted” conseguisse a divulgação que precisava. No último fim de semana de setembro, alcançou primeiro lugar na bilheteria brasileira, mesmo insistindo em um humor cansativo e manjado.

A história é uma espécie de conto de fadas para marmanjos. Na noite de natal, um menino pede que seu ursinho fale. O desejo é realizado e os dois crescem como melhores amigos. John Bennett (Mark Wahlberg) torna-se um desajustado de 35 anos e seu urso, um mulherengo rabugento que fuma

maconha e impede John de levar a sério seu relacionamento com Lori (Mila Kunis).

Espécie de conto de fadas adulto, “Ted” tem humor cansativo e manjado

Com direção de Seth MacFarlane, criador do seriado “**Uma família da pesada**”, o filme poderia ser engraçado, mas não é. Perde feio para outras comédias do tipo, como “Se beber não case”. A ideia do urso malcriado pode até parecer divertida, mas na prática cansa. Some a isso piadas bobas (a não ser para quem acha a palavra “peidei” digna de risadas) e você tem um filme que não vale nem o ingresso do cinema, nem 106 preciosos minutos. »



ALAVANCA
Após polêmica com Protógenes Queiroz, “Ted” é primeiro lugar nos cinemas brasileiros

Foto: Divulgação

DVDs da quinzena



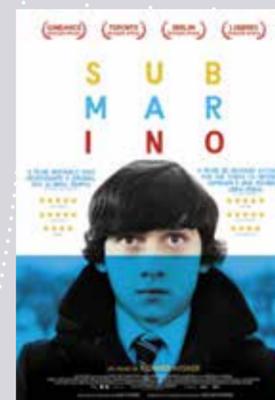
O início, o fim e o meio (Walter Carvalho e Evaldo Mocarzel, 2012)

Quem foi o Raul Seixas, além do mito? Na tentativa de responder a esta pergunta, os diretores Walter Carvalho e Evaldo Mocarzel entrevistam dezenas de pessoas, desde Pedro Bial até o dentista do músico. O resultado é um **ótimo documentário** que passeia pela vida pessoal e profissional do maior ícone do rock brasileiro e trata, entre outros assuntos, das parcerias com Paulo Coelho, dos casamentos e dos fãs que Raul continua a mobilizar 20 anos após sua morte.



Solteiros com filhos (Jennifer Westfeldt, 2012)

Os amigos Julie (Jennifer Westfeldt) e Jason (Adam Scott) se conhecem desde os tempos de faculdade. Ao observar a vida estressante dos conhecidos que casaram e tiveram filhos, decidem pôr em prática um **plano arriscado**: ter um bebê, mas mantendo apenas a amizade. Seria possível a situação dar certo? Ágil e com bons diálogos, o filme consegue unir cenas que rendem gargalhadas a uma dose de drama – por isso tem sido classificado como “dramédia”.



Submarino (Richard Ayoade, 2010)

Oliver Tate (Craig Roberts) é um adolescente que tem como objetivos descobrir a causa do instável casamento dos pais e perder a virgindade com a esquisita Jordana (Yasmin Paige). A história parece banal, mas a maneira original como é conduzida torna “Submarino” **imperdível**. Apesar de ser produzido por Ben Stiller (“Entrando numa fria”), o filme não é comédia. Mesmo assim, é leve e envolvente, capaz de agradar qualquer um que tem ou já teve 15 anos de idade.

Quem tem medo de cinema catarinense?

Com 13 prêmios na bagagem, “Qual queijo você quer?” viaja o mundo representando Santa Catarina



ENVELHECIMENTO
Com 12 minutos, filme trata de amor e das frustrações da passagem do tempo



ESTREANTE
Curta metragem foi primeira experiência de Cíntia Bittar como diretora

No festival de cinema do Rio, em 2011, a apresentadora do evento anunciou o curta catarinense “Qual queijo você quer?” como paulista. A diretora Cíntia Bittar nem ligou muito para o erro. Não era a primeira vez que alguém confundia a origem do filme. Quando estreou em Paulínia, São Paulo, algumas pessoas acharam que era gaúcho. Até que todos se convencessem de que o premiado curta vinha de Santa Catarina, levou tempo. “Nós não temos tradição cinematográfica. O que o ‘Queijo’ fez foi devolver um pouco da autoestima ao nosso cinema”, resume Cíntia, um ano e 13 prêmios depois.

Classificado como curta metragem por ter apenas **12 minutos**, “Qual queijo você quer?” é recordista estadual de participação em festivais mundo afora. Desde o lançamento, no ano passado, foi selecionado para 21 mostras nacionais e 15 estrangeiras, entre elas algumas das mais importantes do circuito internacional.

“O que o ‘Queijo’ fez foi devolver um pouco de autoestima ao nosso cinema”, diz diretora

O motivo do sucesso está na história simples, mistura de comédia e drama, que **faz refletir** sobre amor, envelhecimento e as frustrações da passagem do tempo. Costuma-se dizer que, quando bem feito, um curta é capaz de causar tantas emoções quanto um longa metragem de duas horas. “Qual queijo você quer?” é

assim. Tudo começa no momento em que Afonso (Henrique César) pede que Margarete (Amélia Bittencourt) traga um queijo da feira. A partir daí a mulher tem um ataque de raiva e o casal idoso passa a discutir as décadas e décadas de sonhos não realizados.

“Fazer um filme de 15 minutos é um desafio maior do que fazer um de 1h30”, assegura Cíntia. Estreante como diretora, ela fica feliz pelo filme ter assumido papel de **referência cinematográfica** catarinense, mas triste por perceber que outros deveriam estar fazendo igual. “O cinema tem que ser constante, não basta ter uma produção aqui e outra ali. Em Florianópolis falta a combinação entre planejamento, qualidade e produção crítica”, avalia a cineasta. “Hoje a gente vive ilhado, literalmente. Um monte de gente finge que faz cinema e um monte de gente finge que acredita.” »

Assista

O filme foi exibido pela primeira vez em Florianópolis na reabertura do cinema do Centro Integrado de Cultura (CIC), em dezembro do ano passado. Fique de olho nas próximas exibições:

- Na programação do Canal Brasil a partir de novembro
- Na 14ª mostra Catavídeo, dia 09/11, às 19h30, na Fundação Cultural Badesc (Rua Visconde de Ouro Preto, 216 Centro, Florianópolis)
- No site portacurtas.org.br, em janeiro



EMPREGUETES
Cida, Penha e Rosário incorporaram sonho da ascensão social em "Cheias de Charme"

A vez das domésticas

Empregadas ganham importância nas telas e conquistam público

Por Bárbara Dias Lino

Se antigamente elas costumavam receber pouca atenção nas tramas, hoje roubam a cena. As câmeras que antes as acompanhavam apenas até a cozinha agora mostram a fundo a vida dessas mulheres. No final de setembro, as quatro novelas da Globo tinham empregadas como protagonistas: Isabel, as empreguetes, Nina e Gabriela. Com personalidades fortes, todas conquistaram a simpatia do público, mas a que melhor conseguiu mostrar as **dificuldades e sonhos** das domésticas brasileiras foi "Cheias de Charme", que terminou em 29/09.

Com recorde de telespectadores no horário das 19h, "Cheias de Charme" contou a história do **trio musical** Empreguetes. Cida (Isabelle Drummond), Penha (Taís Araújo) e Rosário (Leandra Leal) incorporaram o sonho da ascensão social desde o primeiro capítulo em que se uniram com o lema "Dia de empreguete, véspera de madame". Em entrevista ao site Cia de Arte Persona, a roteirista Izabel de Oliveira explica que a novela procurou retratar a relação entre patroas

e empregadas, até então pouco explorada pela teledramaturgia. "As domésticas convivem com

No final de setembro, as quatro novelas da Globo tinham empregadas como protagonistas

famílias que não são as suas, ajudam a criar filhos que não são os seus, passam a fazer parte de uma casa como um membro daquela família sem pertencer a ela. É um tema que faz parte do cotidiano."

O fato de a rede Globo ter apresentado quatro protagonistas empregadas ao mesmo tempo não foi coincidência. Quarenta milhões de brasileiros ascenderam das classes D e E para a C nos últimos sete anos. O **núcleo da periferia**, antes secundário, hoje é centro das atenções dentro e fora das telas. Até as trilhas sonoras mudaram. A bossa nova suave do horário das 21h deu lugar ao "lêlêlê" do sertanejo. O país mudou. E com ele as novelas e as reflexões que elas proporcionam. »



EDUCATIVO
Desenho fala sobre meio ambiente de forma divertida

Peixonauta turbinado

Novo programa da série infantil acrescenta crianças de verdade à fórmula anterior **Por Cesar Soto**

A animação nacional "Peixonauta", exibida desde julho pela TV Cultura, vai ganhar um novo programa no canal a partir do dia 12/10, às 8h30 e às 12h. A atração inédita irá misturar crianças de verdade com o desenho do pequeno peixe que utiliza capacete de astronauta para viver na superfície. Assim como na produção original, temas envolvendo **preservação ambiental** serão tratados de forma divertida e educativa durante os 52 episódios de 25 minutos da primeira temporada.

O desenho foi desenvolvido pela produtora TV Pinguim e é exibido desde 2009 no SBT e no canal de TV por assinatura Discovery Kids. O programa se tornou sucesso entre o público infantil e exemplo para a animação brasileira, por usar **verba de leis de incentivo** à cultura para sua realização. A recepção ao desenho foi tão boa que ele já foi vendido para mais de 70 países, com um longa-metragem previsto para ser lançado em novembro.

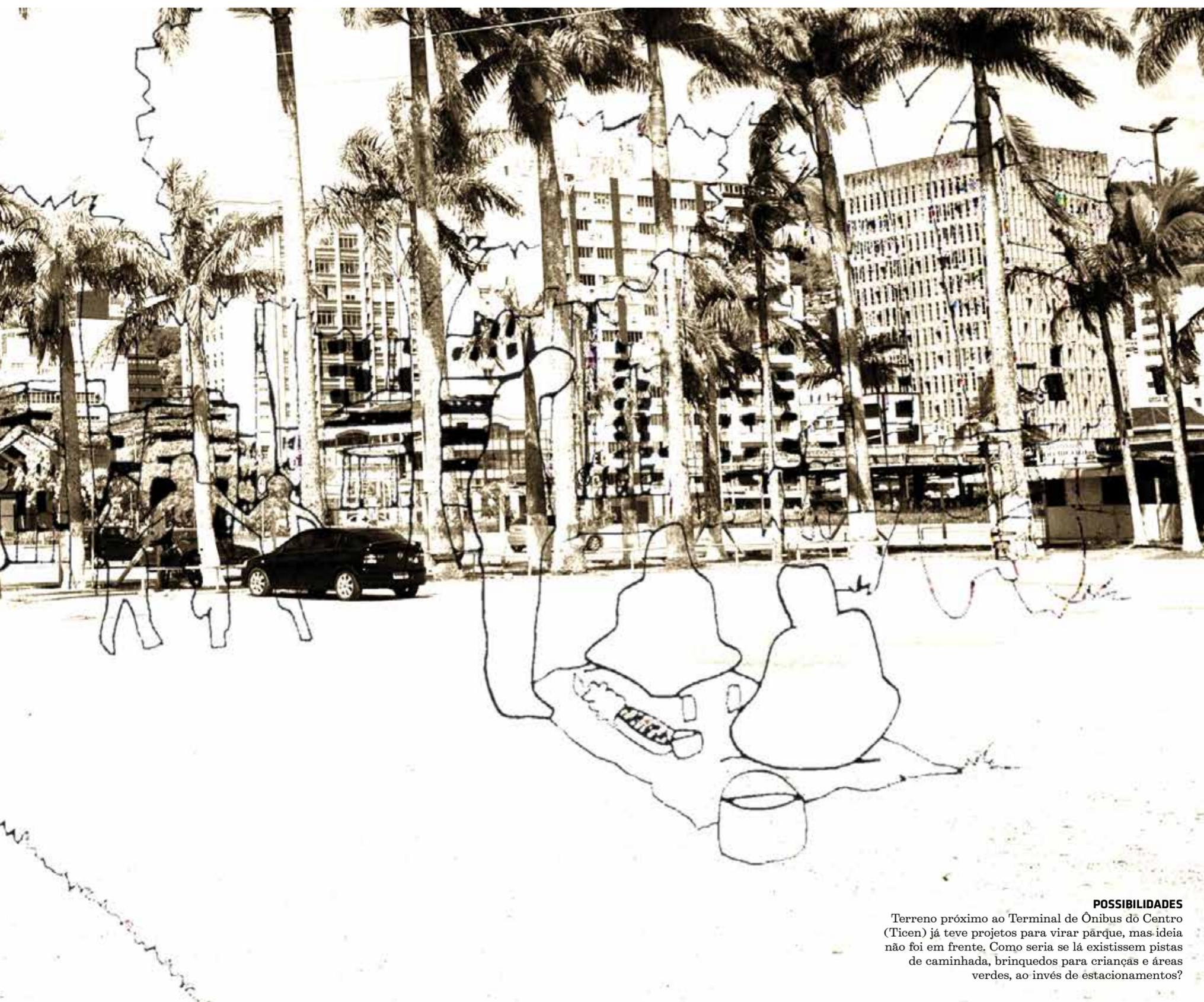
Centro esquecido

Por Rosielle Machado, com fotos de Stefano Maccarini e ilustrações de Camila Amorim



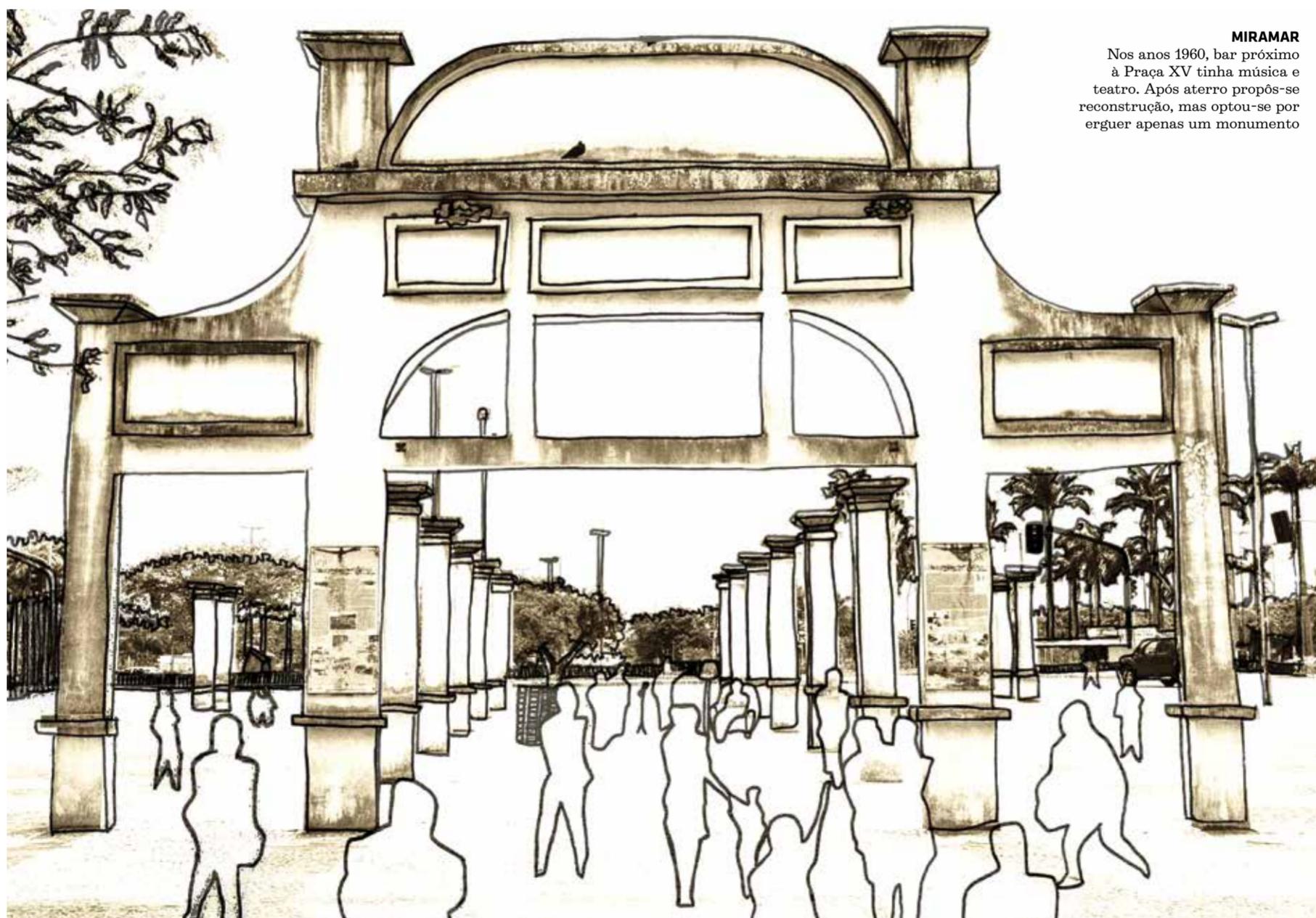
Região já foi coração cultural da Ilha, mas hoje tem espaços pouco aproveitados para arte e lazer

“Deserto depois do horário comercial”, define a vendedora. “Se tivesse programação, frequentaria até nos fins de semana”, avalia a estudante. “Era onde todo mundo se reunia, hoje não é mais”, lembra o aposentado. As opiniões apontam para o mesmo fato: a vida cultural do centro histórico de Florianópolis está esquecida. Há espaços que poderiam ser ocupados com lazer, arte e gastronomia, mas a região parece ter caído em uma rotina guiada pelo comércio – morre todos os dias no horário em que as lojas fecham, para reviver apenas quando elas voltam a abrir.



POSSIBILIDADES

Terreno próximo ao Terminal de Ônibus do Centro (Ticen) já teve projetos para virar parque, mas ideia não foi em frente. Como seria se lá existissem pistas de caminhada, brinquedos para crianças e áreas verdes, ao invés de estacionamentos?



MIRAMAR

Nos anos 1960, bar próximo à Praça XV tinha música e teatro. Após aterro propôs-se reconstrução, mas optou-se por erguer apenas um monumento



ALFÂNDEGA

Largo seria ideal para apresentações, mas é inseguro e atrai poucos artistas

A solução é revitalizar, ou seja, dar condições para que o centro seja retomado pela população como espaço cultural e assim ganhe vida de novo. É essa a proposta de algumas iniciativas recentes no local (leia na página ao lado). Entre elas está um manifesto lançado no final de setembro pela equipe do Museu Victor Meirelles, em favor de programação permanente, reforma de casarios históricos e maior policiamento nas ruas. “É preciso estrutura para atrair as pessoas”, defende a técnica em assuntos culturais do museu Rita Coitinho. “Aos domingos, por exemplo, nada abre. A gente vive um **cielo vicioso**. Não abre porque não tem ninguém e não tem ninguém porque não abre.”

Para o diretor de comunicação da Fundação Cultural Badesc, Fifo Lima, uma das razões para o abandono atual do centro histórico foi a desativação da antiga Faculdade de Educação (Faed), que mantinha o movimento de universitários nas ruas próximas à praça XV até à noite. Ele lembra que no começo dos **anos 1990** a região ainda era culturalmente viva. “Tinha cinco cinemas. A partir do momento em que os shoppings chegaram, começou um esvaziamento e ninguém fez nada a respeito.”

Mas de quem deve partir o primeiro passo para revitalizar, do poder público ou da população? A prefeitura incentiva a comunidade a propor. “No caso da rua

Vidal Ramos a ideia da revitalização veio dos lojistas e deu certo”, afirma a diretora de planejamento do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IpuF), Aline Figueiredo. Isso não quer dizer que todas as propostas serão aprovadas. É o caso das sugestões que o IpuF recebe para a construção de um parque na área do camelódromo, perto do Centro Sul. Em situações assim, argumenta a diretora, são necessários diversos estudos antes de se tomar alguma decisão.

Além da revitalização, outra saída seria estimular a população a **conhecer melhor** o que o centro oferece, já que muitas pessoas não sabem que lá existem teatros, museus e bares históricos. É o que pensa a condutora cultural Tânia Guterres, uma das criadoras de um projeto do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) que terá caminhadas informativas para moradores locais. “Devemos pensar em pontos históricos e não turísticos, para que a gente conheça a própria cidade e consiga valorizá-la”, reforça ela. “Se ninguém valorizar, fica tudo como está aí hoje.”



Solução para abandono cultural é revitalizar e dar condições para que população frequente o local

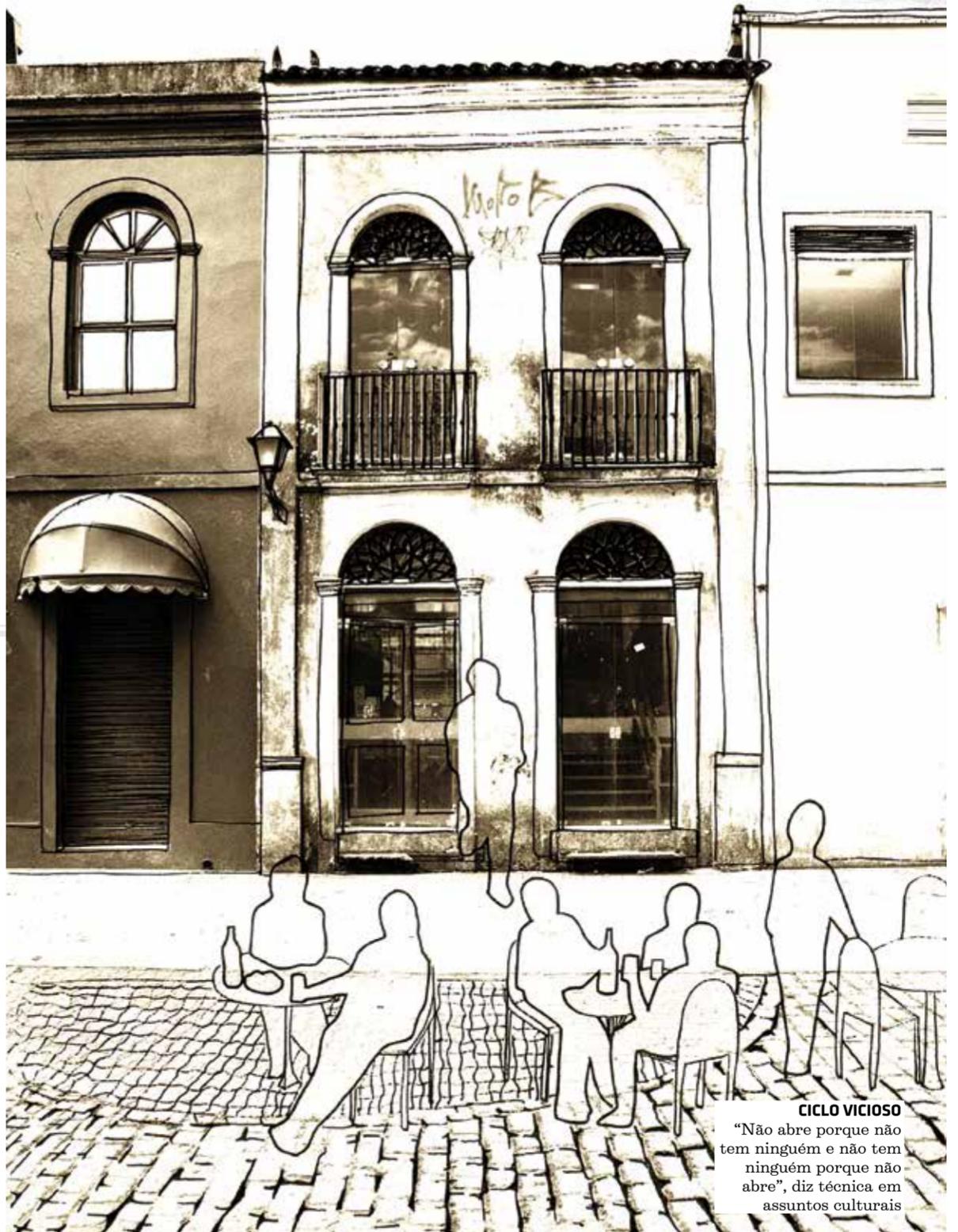
Iniciativas de devolver vida à área apostam em atividades gratuitas

Manifesto Victor Meirelles

No dia 29/09 o Museu Victor Meirelles realizou uma manhã de música, maracatu e teatro para lançar um manifesto em favor da cultura no centro histórico. Apesar da chuva que dificultou as apresentações, conseguiram **150 assinaturas**. Ainda não há calendário, mas a ideia é que a atividade se repita e, depois, o documento seja entregue ao governo. “O papel do museu não é só expor o acervo, mas fomentar atividades culturais”, diz uma das organizadoras, Rita Coitinho.

Com passos na memória

Você sabia que antes das pontes o gado era transportado pelo mar, a nado? Essa é uma das histórias contadas durante as caminhadas do projeto do IFSC “Com passos na memória”, que acontece **até dezembro**, às terças e quintas, às 18h. Os passeios pelo centro histórico reúnem até 30 pessoas e tem duração de duas horas. Para participar é preciso fazer inscrição na página do Facebook “Grupo Com Passos na Memória”.



CICLO VICIOSO

“Não abre porque não tem ninguém e não tem ninguém porque não abre”, diz técnica em assuntos culturais

Feira da Maricota

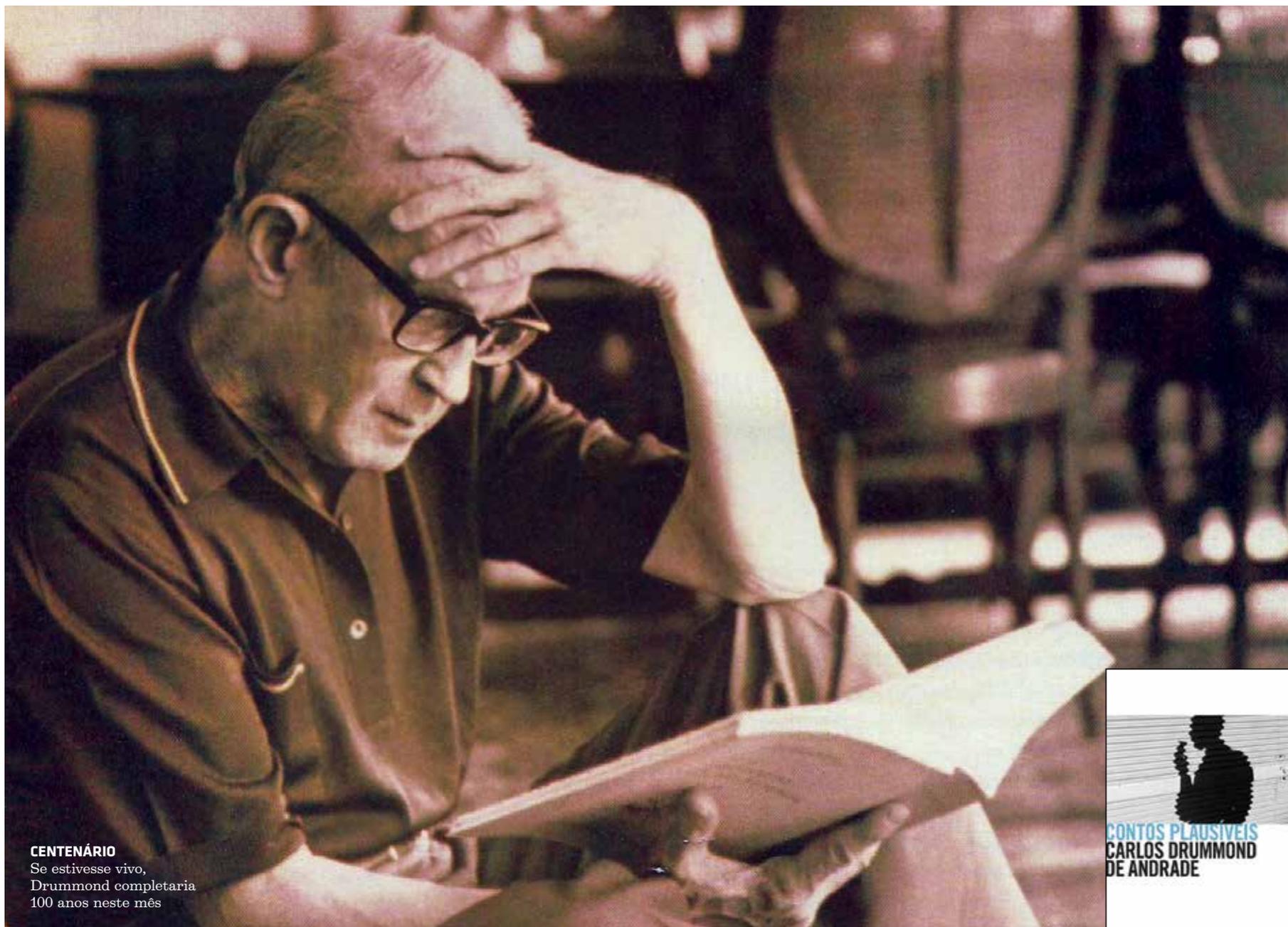
A partir do dia 14/10, a Avenida Hercílio Luz receberá, **todos os domingos**, das 9h às 15h, uma feira com artesanatos, antiguidades, sebos, brechós, teatro e música. “O domingo no centro é morto, por isso a gente quer trazer o costume de as pessoas irem lá passear com a família”, explica a coordenadora Ana Mercedes Rutz, que organiza a feira em parceria com a Secretaria de Turismo do Estado.

Occupa Sounds In da City

O evento, que aconteceu pela primeira vez em 22/09, levou DJs, dança de rua, cinema infantil, piquenique, cama elástica, piscina de bolinhas e cerca de 300 pessoas a um dos espaços públicos mais esquecidos da cidade: o **Parque da Luz**. “Há interesse em fazer mais edições também em outros lugares da cidade”, adianta o produtor Allen Rosa.

Rua Vidal Ramos

Primeira rua revitalizada pelo IpuF, foi reformada e ganhou programação esporádica com apresentações musicais e desfiles de moda feitos pelos lojistas e pelo Sebrae. A próxima atividade será no **dia 17/10**, com apresentação da coleção primavera-verão, espaços com dicas de beleza e shows musicais. »

**CENTENÁRIO**

Se estivesse vivo,
Drummond completaria
100 anos neste mês



Contos Plausíveis, de Carlos
Drummond de Andrade; Companhia
das Letras, 186 páginas; R\$ 34,50

Poeta de sete faces

Livro lançado neste mês mostra lado contista de Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores escritores brasileiros

Carlos Drummond de Andrade pode ter escrito poemas, crônicas, contos, quem sabe até listas de compras, não importa. Tudo que ele fez será sempre caso de poesia. É o que mostra *Contos plausíveis*, lançado neste mês em comemoração ao centenário do poeta – se estivesse vivo, ele completaria 100 anos no dia 31/10. No livro, Drummond brinca com as palavras como faz em seus versos,

Histórias são curtas e têm jeito de causos

plausível como sinônimo de provável, os contos são cheios de situações **no mínimo estranhas**. Há parlamentares sem cabeça,

mas através de uma faceta pouco conhecida: a do contista.

Apesar do dicionário definir

gêmeos de um irmão só, assaltantes que se assaltam, homens com duas sombras. As histórias deixam de parecer tão irreais se comparadas aos absurdos com que nos deparamos o tempo inteiro. “Todos os dias a imaginação humana confere seus limites e conclui que a realidade ainda é maior do que ela”, escreve Drummond.

Os textos reunidos no livro foram originalmente **publicados na coluna** que o escritor manteve no *Jornal do Brasil* entre 1969 e 1984. Neles, o autor se revela mais bem humorado e irônico do que em seus poemas. As histórias são curtas, com não mais de duas páginas, e têm jeito de causos ou anedotas. Até um mendigo sentado na escadaria da igreja vira assunto. **Leia um dos contos ao lado.**

O tempo na rua

Fizesse bom ou mau tempo, o mendigo sentava-se às sete da manhã no terceiro degrau da escada da igreja e ali ficava até as doze.

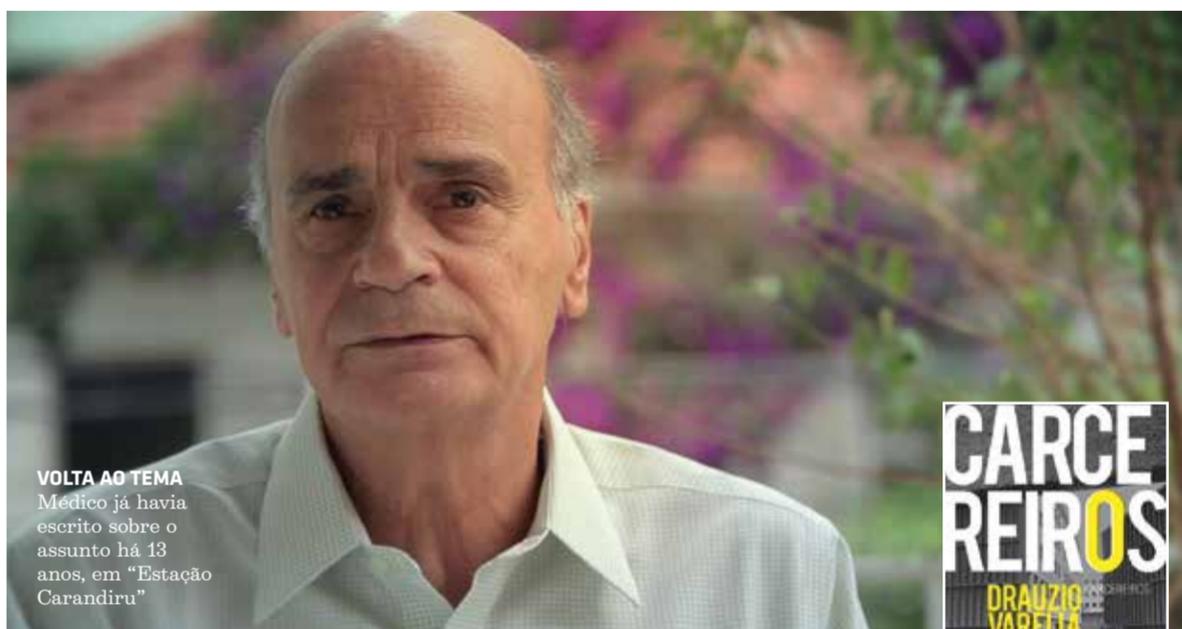
Era tão pontual que os transeuntes, querendo saber as horas, não olhavam para o relógio da torre; olhavam para ele. Cada quarto de hora estampava-se em suas mãos, e a cada trinta minutos as rugas de seu rosto indicavam a medida do tempo. Quando o relógio foi retirado da torre, para conserto, e nunca mais voltou, a presença do mendigo cresceu de importância. Muita gente lhe rogava que estendesse a permanência até findar o dia. Recusou-se a atender, alegando que tinha outras obrigações à tarde, sem esclarecer quais fossem.

No fim de alguns anos, era conhecido como o Tempo, mas a velhice fez com ele o que faz com os relógios. Já não fornecia indicações precisas, e causava grandes perturbações no horário das pessoas.

Tentaram removê-lo dali, e o Tempo não cedeu. A igreja foi demolida para dar espaço à nova rua. O Tempo continuou plantado no centro da pista, das sete às doze, sem que os guardas de trânsito conseguissem afastá-lo com boas ou rudes maneiras. Era evitado pelos motoristas e foi proclamado estátua matinal, atração da cidade. »

O outro lado do presídio

Drauzio Varella volta a tratar do cotidiano penitenciário em "Carcereiros"



VOLTA AO TEMA
Médico já havia escrito sobre o assunto há 13 anos, em "Estação Carandiru"

Carcereiros; Drauzio Varella; Companhia das Letras, 232 páginas, R\$ 33

Quem trabalha como agente penitenciário vive uma espécie de prisão domiciliar invertida: passa o dia na cadeia e só chega em casa para dormir. É essa rotina difícil que Drauzio Varella mostra em *Carcereiros*. O livro é uma **continuação** de *Estação Carandiru*, que virou filme e vendeu meio milhão de exemplares após o lançamento em 1999. A diferença é que agora o cotidiano retratado não é mais o dos detentos, e sim dos funcionários públicos que ganham a vida os vigiando.

Carcereiros chega às livrarias em 01/10, um dia antes do massacre do Carandiru completar duas décadas. O primeiro capítulo é

Histórias retratam heroísmo e corrupção de funcionários das prisões

justamente sobre o **episódio de 1992** que deixou 111 presos mortos. Na leitura, descobrimos que a tragédia teria sido muito pior se não fosse a ação de um dos agentes penitenciários, seu Araújo. Ele conta:

"Naquele dia, vi sangue ser puxado com rodo".

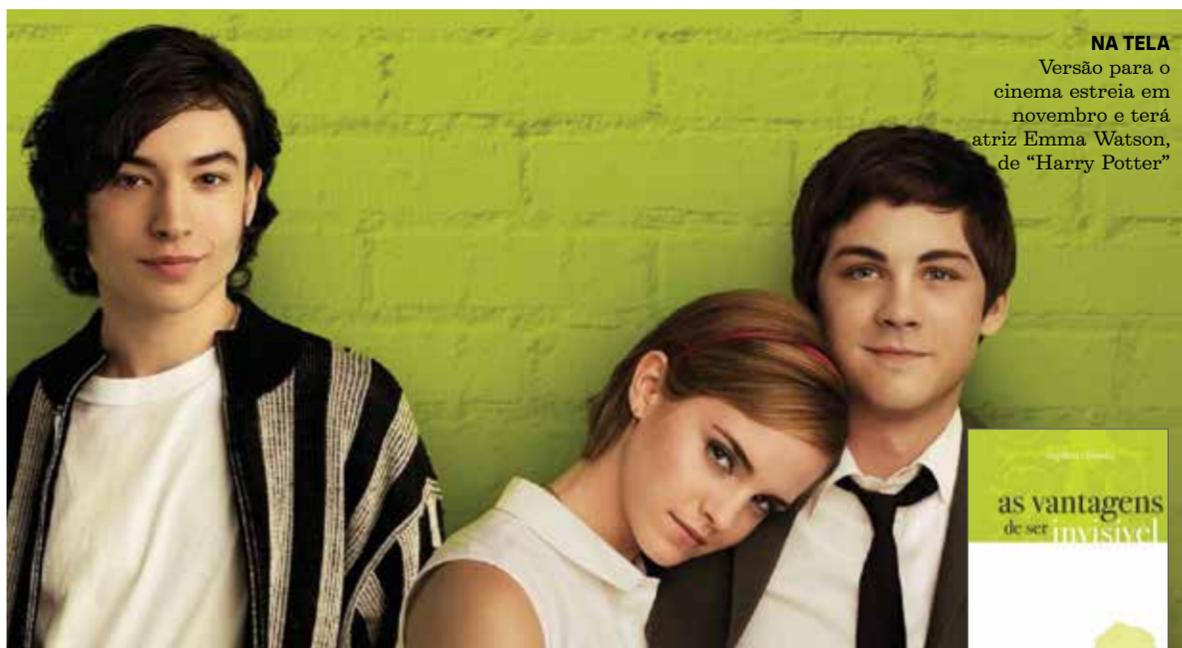
Nem todas as histórias do livro são assim fortes. As situações violentas são diluídas em outras mais leves, às vezes até bem humoradas. Todos os casos, que misturam heroísmo,

corrupção, covardia e tortura, **são reais** e foram

ouvidos por Varella durante os anos de médico voluntário no presídio. Alguns capítulos exigem estômago, mas nada que impeça o livro de ser lido antes de dormir. »

Sinceridade adolescente

Chega ao Brasil clássico juvenil "As vantagens de ser invisível"



NA TELA
Versão para o cinema estreia em novembro e terá atriz Emma Watson, de "Harry Potter"

As vantagens de ser invisível, de Stephen Chbosky; Rocco, 223 páginas; R\$ 29,50

Depois da enxurrada de vampiros, bruxos e lobisomens que inundou as livrarias nos últimos anos, *As vantagens de ser invisível* apresenta personagens que são apenas... pessoas. Lançado no Brasil pouco antes da versão que estreia nos cinemas em novembro, o livro de Stephen Chbosky tem como protagonista Charlie, um adolescente de 15 anos que sempre preferiu observar a ser o centro das atenções. A situação começa a mudar quando dois novos colegas de escola surgem para ensiná-lo o **valor da amizade** e das pequenas loucuras na vida.

O livro é escrito em forma de cartas enviadas por Charlie a um amigo que não sabemos se é real ou imaginário. É assim que nos

No livro, cartas narram problemas de garoto de 15 anos

envolvemos com os dramas do garoto, enquanto ele tenta lidar com amor, sexo, drogas, o suicídio de um colega, seus próprios problemas psicológicos e a confusão de emoções típica da adolescência. "Sou feliz e triste ao mesmo tempo, e ainda estou tentando entender como posso ser assim", escreve ele logo no começo.

A maior qualidade de *As vantagens de ser invisível* é a sinceridade – tanta que o leitor acaba sentindo-se o tal "querido amigo" para quem Charlie escreve. É um livro para ser devorado em pouco tempo e digerido lentamente, por **mexer com as emoções** dessa fase da vida em que ninguém sabe se é melhor ficar ou fugir. »



Invasão bestial

Quem é o grafiteiro por trás das criaturas que se propagam por muros abandonados da cidade

Paulo Noia encara o paredão cheio de limo, confere os sprays na mochila e conclui: perfeito. O esgoto ali perto poderia afastar muita gente, mas não ele, que prefere lugares assim para pintar suas criaturas bizarras. Metade animais, metade máquinas, elas fazem parte de uma empreitada que o grafiteiro começou há quatro anos e gosta de chamar de “invasão bestial”. O nome é bastante adequado: hoje, são mais de **150 as bestas** escondidas em ruínas, pontes, pistas de skate, muros abandonados e terrenos baldios de Florianópolis.

“As pessoas geralmente querem ver só o bonito do grafite. Eu procuro fazer o feio, mas bem feito, para passar a ideia de que os animais estão saindo das tocas para tomar a cidade”, explica Noia. Ele trabalha em média **dez horas** em cada pintura e prefere não pedir autorização. “Na minha opinião só é grafite se for feito na rua, ilegal e com estilo próprio”, diz o grafiteiro, que por causa disso corre muito da polícia e já foi obrigado a pagar R\$ 500 de multa.

Até os 15 anos, Paulo era mais conhecido como Paulo Ricardo. Naquela época, inspirado pela cultura hip hop, começou a comprar revistas sobre grafite. O interesse pelo assunto cresceu tanto que um dia arranhou uma lata de spray verde, rabiscou um muro e assinou como Noia – em referência à falta do que fazer. Mesmo após se formar em Comunicação Social, no ano passado, continuou cismado em ser grafiteiro. Como suas bestas mutantes não dão retorno financeiro, decidiu grafitar por encomenda. Atualmente, aos 25 anos, vive desses trabalhos e se vê em uma **contradição**: a atividade que gosta que seja ilegal e lhe causa problemas com a polícia é a mesma de onde tira a renda, na total legalidade.

Ciente de que as criaturas que espalha pela cidade não são lá muito charmosas, Noia ficou surpreso quando, em março, foi convidado para cobrir com elas a fachada de uma das padarias mais famosas da cidade. “Nunca tinha acontecido de alguém chegar e dizer ‘faz esse teu monstro louco lá no meu estabelecimento’. Geralmente as pessoas pedem para pintar outras coisas.” Apesar dos elogios que recebe, é categórico: “Eu não vejo aquilo como grafite, foi comercial”.

Já o **painel na saída da ponte Colombo Salles**, esse sim ele considera grafite. “Foi ilegal”, sorri. E ousado, no mínimo. Em janeiro de 2011, nove grafiteiros cercaram a calçada com cones e colocaram os sprays em ação a poucos metros de um posto policial. Deram sorte: ninguém desconfiou de nada e, quando o secretário do Continente Joel Coelho soube, disse até que tinha gostado. Desde então, no meio dos outros grafites posa toda dona de si uma das bestas de Noia, parada como se observasse a Via Expressa, decerto pensando que besta mesmo é quem pega aquela fila quilométrica todos os dias. »

“As pessoas geralmente querem ver só o bonito do grafite. Eu procuro fazer o feio, mas bem feito”, diz Noia



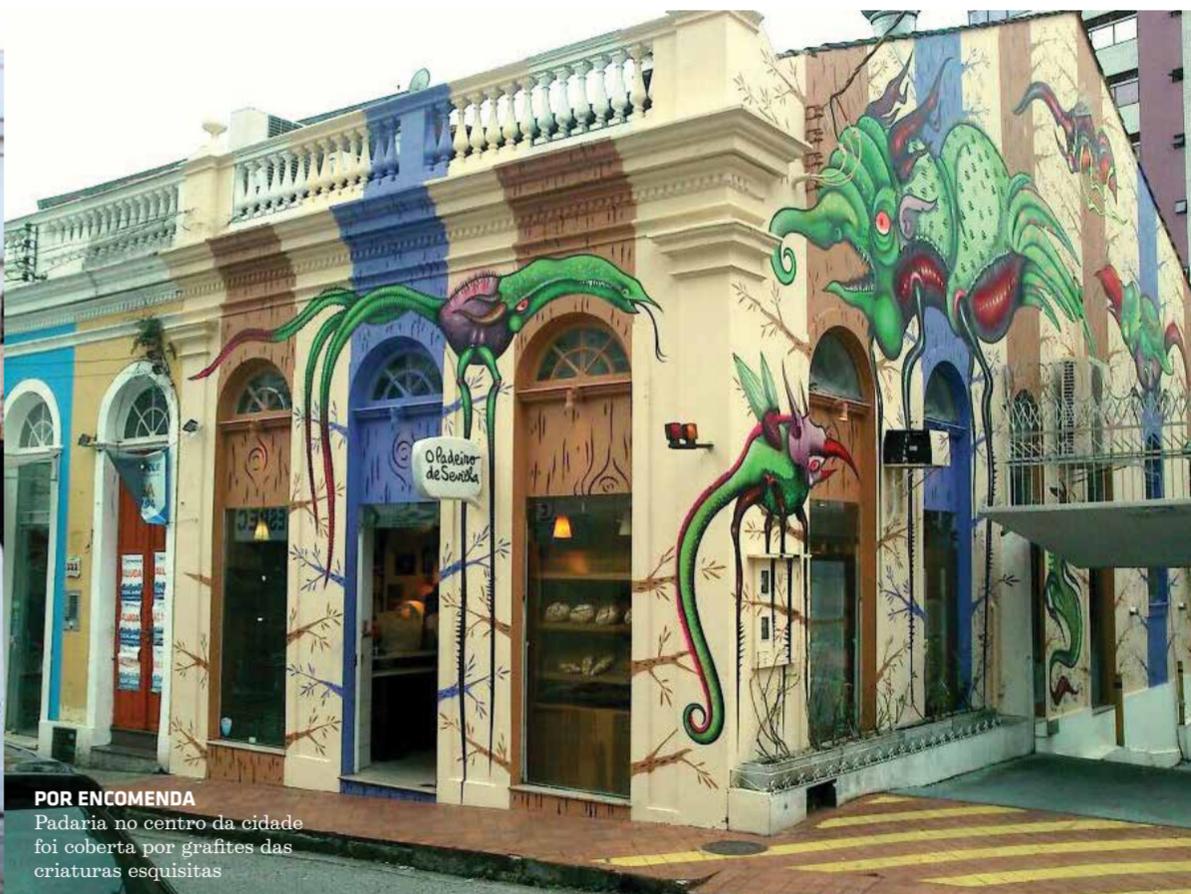
ILEGAL
Paulo Noia já correu muito da polícia



OCUPANDO
Grafite em casa abandonada na Costeira



BATALHA
As vezes as bestas de Noia aparecem duelando com as do grafiteiro Gabriel San



POR ENCOMENDA
Padaria no centro da cidade foi coberta por grafites das criaturas esquisitas



Foto: Divulgação

PRODÍGIO
Gabriel Louchard é mágico profissional desde os 12 anos

Comédia mágica

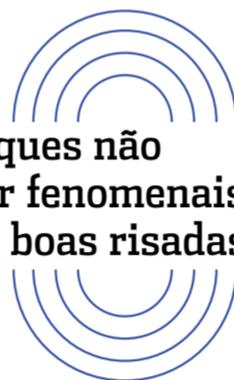
Mistura de humor e ilusionismo, “Como é que pode?” passa pelo Teatro Pedro Ivo dia 11/10

“Eu sou um mágico diferente”, avisa Gabriel Louchard assim que aparece no palco. Sem assistente bonitona, fraque, cartola ou coelho, ele é tudo que não se espera de um ilusionista. Usa calça jeans, tênis, cabelo arrepiado e camisa com manga dobrada, mas é justamente isso que o faz ganhar a **simpatia do público** logo de cara. Isso e, claro, as piadas que ele conta entre um truque e outro.

Prodígio da mágica, Gabriel começou a aprender truques aos 10 anos de idade, quando encasquetou em se profissionalizar. Conseguiu. Aos 12, foi o mágico mais novo a se formar pelo Círculo Brasileiro de Ilusionismo. No ano passado, decidiu aproveitar a veia cômica em um espetáculo.

A mistura de ilusionismo e mágica funcionou. “Como é que pode?” está desde agosto de 2011 em cartaz no Rio de Janeiro e começa agora a **viajar pelo Brasil**. Não é a apresentação mais engraçada que você verá este ano, nem os truques mais incríveis, mas muitos números impressionam, e a espontaneidade de Gabriel rende ótimas risadas. »

Piadas e truques não chegam a ser fenomenais, mas rendem boas risadas



Não perca “Como é que pode”

Teatro Pedro Ivo (SC 401, Km 5); 11/10, às 21h;
R\$ 60 inteira e R\$ 30 meia-entrada

R\$ 10 bem investidos

Projeto 7:30 tem atrações a preços populares para atrair público ao TAC

O horário é perfeito para quem sai do trabalho e quer esperar o congestionamento de carros passar. Às 19h30, durante todas as terças **até o fim do ano**, o Teatro Álvaro de Carvalho (TAC) recebe apresentações de teatro, música e dança no projeto 7:30. Os ingressos custam R\$ 10 inteira e R\$ 5 meia-entrada. A programação completa está disponível em tac.sc.gov.br. Confira a agenda das próximas semanas:

02/10 “Metade”, com Grupo Cia Nando e Casarão da dança

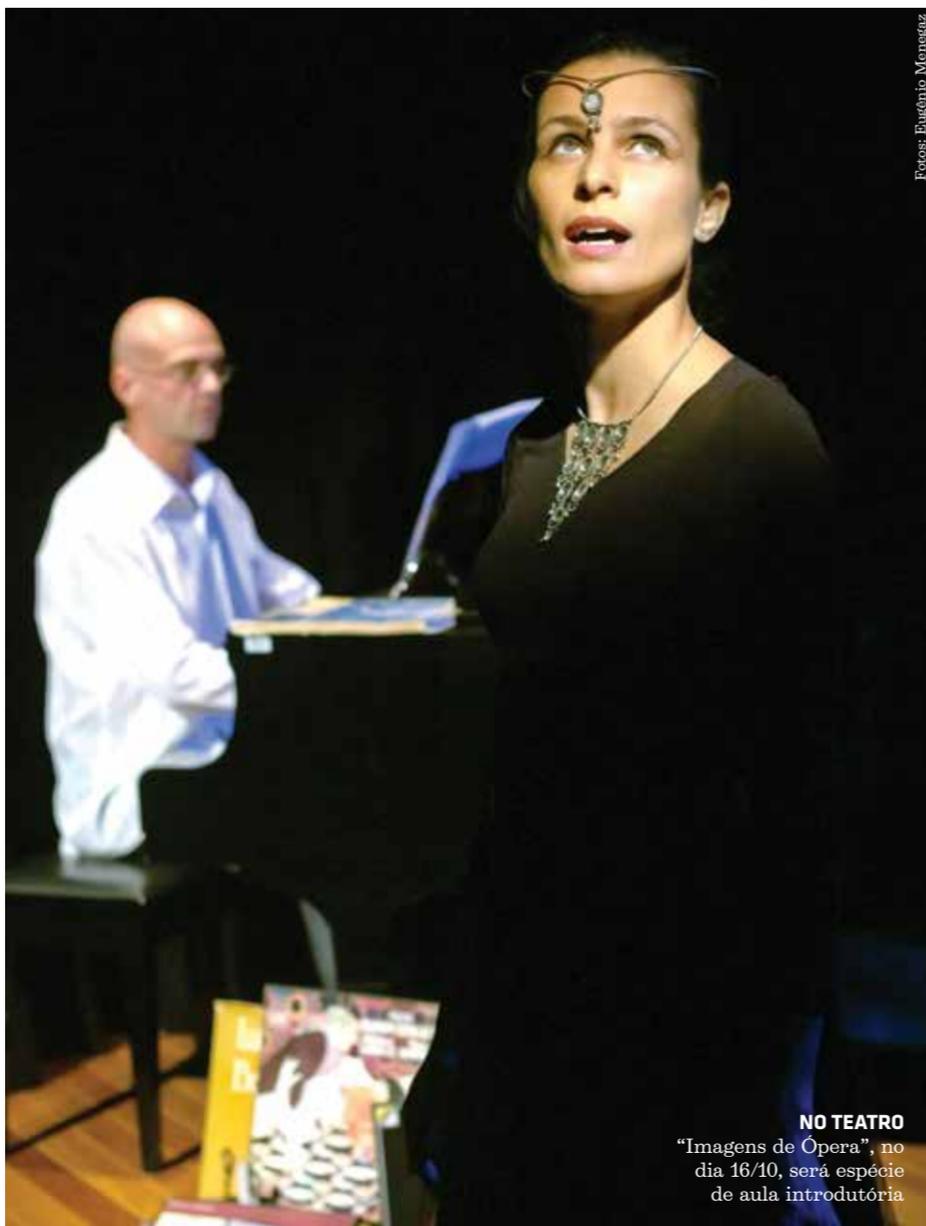
A coreografia é inspirada no poema de Oswald Montenegro que termina com os versos: “e que a minha loucura seja perdoada/ porque metade de mim é amor/e a outra metade também”. Mescla de dança de salão, contemporânea e jazz, o espetáculo procura passar ao público o sentimento de estarmos sempre divididos entre generosidade e egoísmo, alegria e tristeza, foco e confusão.

09/10 Lançamento do CD da banda Bife Killers

Cinco anos após a formação da banda, os roqueiros da Bife Killers lançam seu primeiro trabalho gravado. O som é um rock com influência do punk dos anos 1980 e referências ao universo do surf e do skate. No show de lançamento, sobe ao palco também a banda Califaliza, em participação especial.

INTENSO
Espetáculo “Metade” é atração do dia 02/10



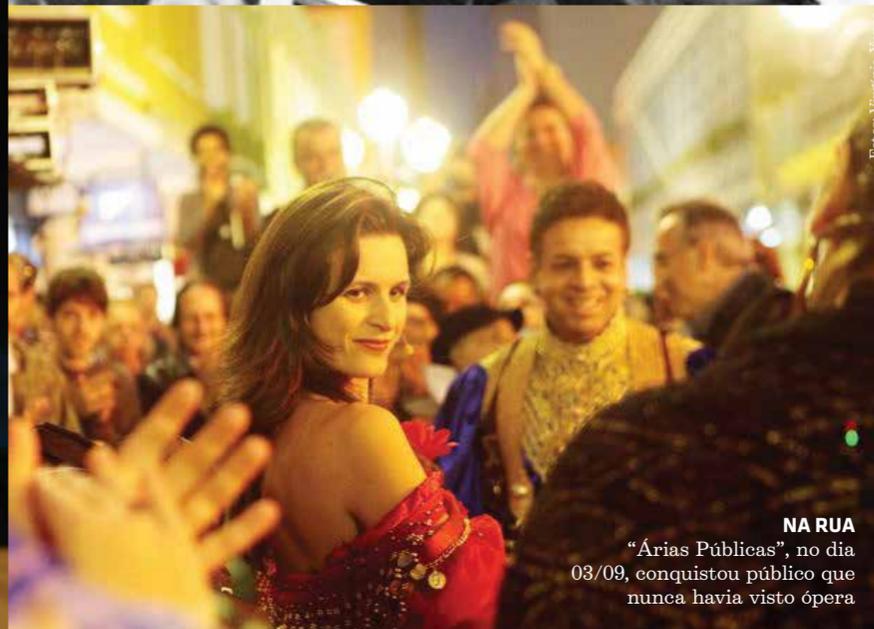


Fotos: Eugênio Menegaz

NO TEATRO
"Imagens de Ópera", no dia 16/10, será espécie de aula introdutória



Fotos: Quilha Bimark



Fotos: Virginia Nunes

NA RUA
"Árias Públicas", no dia 03/09, conquistou público que nunca havia visto ópera

Ópera para todo gosto

No meio da rua Felipe Schmidt tinha um piano. Tinha também um gari que se revelou pianista, um pipoqueiro que desatou a cantar italiano e mais de 200 pessoas embasbacadas com o teatro em pleno centro da cidade. Informada de que aquilo era ópera, uma estudante na plateia se surpreendeu: "Descobri que gosto". A diretora do espetáculo, Sulanger Buvaresco, comemorou a reação da adolescente logo ao lado. Era a prova de que **"Árias Públicas"**, apresentado no dia 03/09, seria mais uma experiência bem sucedida em mostrar a ópera como um gênero acessível a qualquer idade e classe social.

"Não tem nada de difícil. As histórias são sempre muito simples, sobre bem *versus* mal ou as dificuldades do amor", defende Sulanger. Ela explica que quando o gênero nasceu, era tão popular e informal que as pessoas chegavam a comer durante as apresentações. "A elitização começou a partir do surgimento da energia elétrica. Quando você ilumina o palco, a plateia muda de atitude."

Levar o espetáculo para fora do teatro é uma das estratégias para deixar o público mais à vontade. Foi o maior motivo do sucesso de "Árias Públicas". "Achei inesquecível, principalmente por ser ao ar livre", conta a assistente administrativa Regina Maria da Rocha, que nunca tinha assistido a uma ópera antes. "O mais legal é que não foi só quem tinha condições de comprar ingresso que estava lá."

"Não tem nada de difícil, as histórias são sempre muito simples", defende diretora Sulanger Buvaresco

Experiências em palcos, salões paroquiais e até na rua mostram que gênero não é só coisa de elite

Entre 2009 e março deste ano, a Cia de Ópera de Santa Catarina também apostou em locais não convencionais. Apresentada em salões paroquiais do interior do estado, a opereta **"La Serva Padrona"** levou muita gente a fazer algo inédito naquelas cidades: sair da missa e ir à ópera. "As pessoas ficavam deslumbradas e se identificavam muito com a história cômica da mulher mandona", lembra a produtora Maria Elita Pereira.

Dentro de teatros também se arriscam abordagens diferentes para atrair novos públicos. O espetáculo **"Imagens de Ópera"**, que passou por seis cidades catarinenses neste ano e estará em Florianópolis dia 16/10, é uma espécie de aula introdutória. "O retorno é incrível", diz a soprano Alícia Cupani. "Temos sempre muita gente nos procurando nos bastidores, e em comentários espontâneos percebemos o quanto a linguagem do espetáculo 'chega' às pessoas e ajuda a apreciar melhor esta arte que às vezes parece tão inacessível".

Não perca "Imagens de Ópera"

Teatro Álvaro de Carvalho (Rua Marechal Guilherme, 26, Centro); 16/10, às 19h30; R\$ 10 inteira e R\$ 5 meia-entrada; A apresentação é legendada e dura 1h15; imagensdeopera.blogspot.com.br



HUMOR
Dona Bilica exibe toda sua simpatia na Sede dos Correios de São José, dia 15/10

É grátis

O que fazer nos próximos 15 dias sem maltratar o bolso

Concerto de primavera

MÚSICA

03/10, às 17h

Jardim do Palácio Cruz e Sousa
(Praça XV de Novembro, 227,
Centro, Florianópolis)

Boa pedida para desacelerar o fim de tarde, o concerto da Orquestra Escola Municipal de Florianópolis reúne crianças e professores do projeto da Fundação Franklin Cascaes.

Ubu Rei

TEATRO

03 e 10/10, às 17h

Espaço I do Centro de Artes da Udesc
(Rua Madre Benvenuta, 1907,
Itacorubi, Florianópolis)

Até dezembro, todas as quartas-feiras a Udesc é palco desta peça dos alunos do curso de Teatro. Baseado no texto do dramaturgo francês Alfred Jarry, o espetáculo trata da disputa pelo trono entre dois homens.

Cruz e Sousa no acervo do Masc

EXPOSIÇÃO

Até 28/10, de terça a sábado, das 10h às 20h30;
domingos, das 10h às 19h30

Museu de Arte de Santa Catarina (Avenida Beira-Mar, 5600, Agrônômica, Florianópolis.
Dentro do Centro Integrado de Cultura - Cic)

Artistas da cidade como Rodrigo de Haro, Hassis e Eli Heil expõem obras inspiradas em Cruz e Sousa – poeta de Florianópolis famoso no Brasil inteiro por sua obra cheia de musicalidade.

Concerto na comunidade

MÚSICA

05/10, às 20h30

Igreja Nossa Senhora das Necessidades
(Estrada Caminho dos Açores, 2450, Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis)

O evento faz parte da série de concertos nas comunidades promovida pela Camerata de Florianópolis e que já passou por salões paroquiais, igrejas e centros comunitários da ilha.

Manhattan

CINEMA

5/10, às 19h

Cineclube Badesc (Rua Almirante Alvim, 491,
Centro, Florianópolis)

Comédia de 1979 do diretor americano Woody Allen, famoso por seu humor sarcástico e rápido. O filme conta a história de um escritor de meia idade que namora uma garota de 17 anos, sente-se atraído pela amante do melhor amigo e tem uma ex-mulher lésbica.

Novas diretrizes em tempos de paz

TEATRO

08/10, às 20h

Teatro Sesc Prainha (Travessa Syriaco Atherino, 100, Centro, Florianópolis)

Na peça adaptada da obra de Bosco Brasil pela Cia Cena Especial, um judeu polonês chega ao porto do Rio de Janeiro em busca de um visto, mas acaba interrogado por um ex-torturador de Getúlio Vargas.

História ao pé da rua

TEATRO

10/10, às 10h

Rua Felipe Schmidt

A companhia D.A de artes encena um espetáculo surpresa em uma das ruas mais movimentadas do centro da cidade.

O Gigante

CINEMA

10/10, às 19h

Fundação Cultural Badesc (Rua Visconde de Ouro Preto, 216, Centro, Florianópolis)

Com co-produção catarinense, a animação de 10 minutos narra a trajetória de um gigante que transporta uma menina no coração.

Recital Mantra e Espiral

MÚSICA

10/10, às 20h

Teatro Sesc Prainha (Travessa Syriaco Atherino, 100, Centro, Florianópolis)

O professor de música na Udesc Luigi Antonio Irlandini apresenta, acompanhado por outros músicos, composições próprias de piano, violino, viola, violoncelo e canto.



CONCERTO
Orquestra Escola se apresenta no Palácio Cruz e Sousa dia 3/10, às 17h

François Muleka !MÚSICA

11/10, às 20h

Teatro Sesc Prainha (Travessa Syriaco Atherino, 100, Centro, Florianópolis)

Brasileiro filho de africanos, François Muleka dá uma prévia de seu primeiro CD, Feijão e Sonho, que mistura música brasileira a sons tradicionais da África e será lançado este ano.

Quinta Essentia Quarteto

!MÚSICA

13/10, às 20h

Teatro Sesc Prainha (Travessa Syriaco Atherino, 100, Centro, Florianópolis)

O grupo de São Paulo busca aproximar a flauta doce do público no show Flauta, Flautinha e Flautão.

Comitiva de São Benedito da Marujada de Bragança

!MÚSICA

14/10, às 20h

Teatro Sesc Prainha (Travessa Syriaco Atherino, 100, Centro, Florianópolis)

Quatro cantores entoam cânticos em louvor a São Benedito, dando uma amostra da Marujada, festa popular do Pará. Na comemoração paraense, foliões peregrinam por todo o estado cantando, rezando ladainhas e visitando casas de promesseiros.

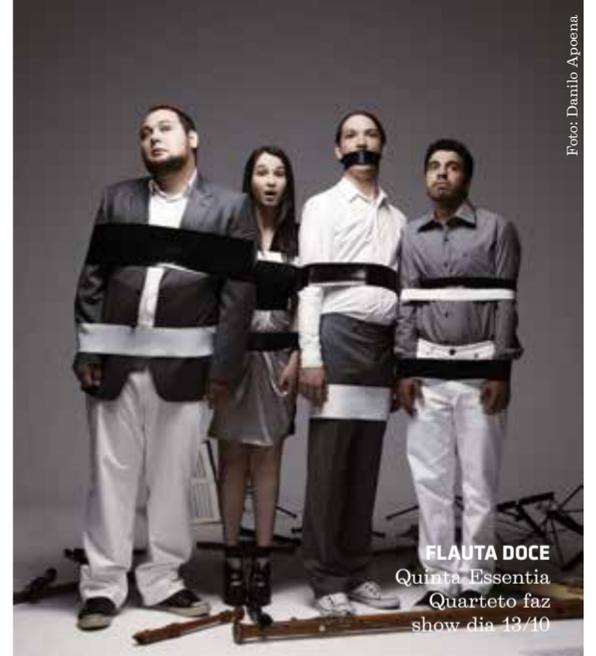
Dona Bilica e convidados

!TEATRO

15/10, às 10h, 15h e 19h30

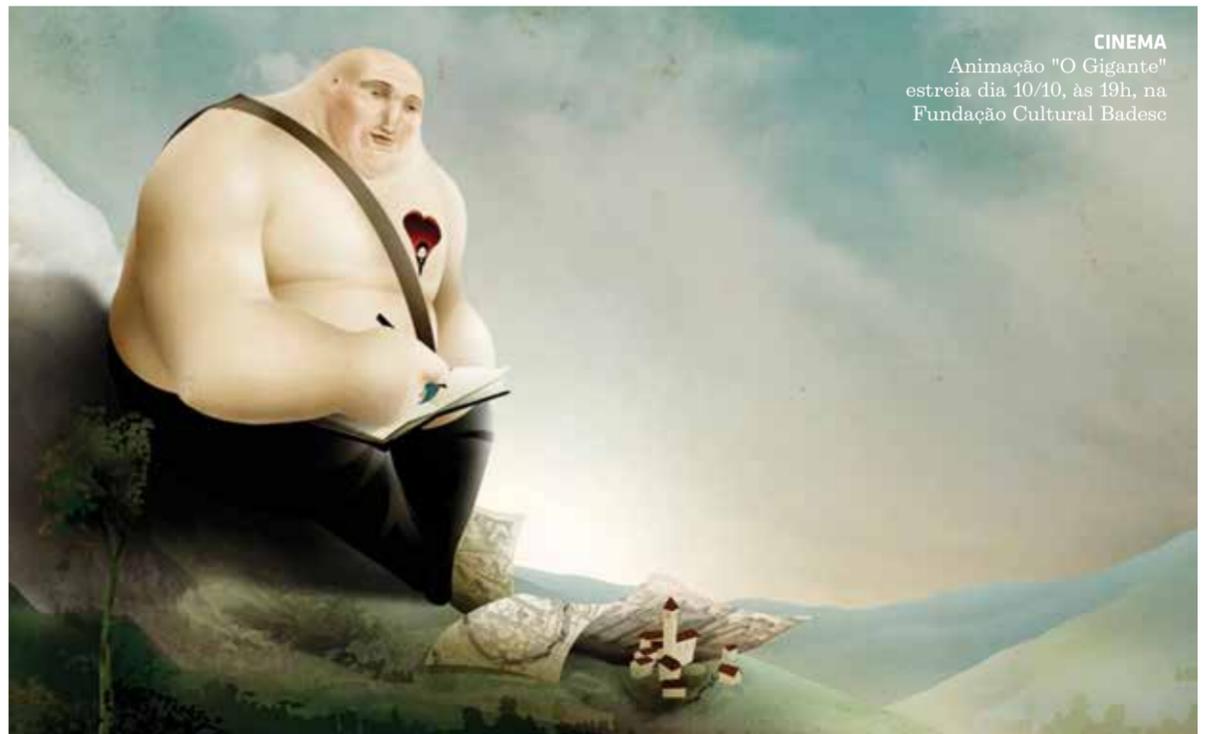
Sede dos correios de São José (Estacionamento da Diretoria Regional dos Correios de SC, bairro Floresta, São José, às margens da BR 101)

Tudo começa quando a personagem manezinha sai de sua casa na Barra da Lagoa para visitar São José. Como chegou e o que foi fazer ali é o ponto de partida para ela contar seus causos bem humorados.



FLAUTA DOCE
Quinta Essentia
Quarteto faz
show dia 13/10

Foto: Danilo Azevedo



CINEMA
Animação "O Gigante"
estreia dia 10/10, às 19h, na
Fundação Cultural Badesc

Para os pequenos

Aproveite a semana das crianças com atividades gratuitas

Maratona de contos !TEATRO

06, 08 e 09/10, às 15h

Teatro Sesc Prainha (Travessa Syriaco Atherino, 100, Centro, Florianópolis)

Funciona assim: a criançada senta na plateia do teatro enquanto alguém conta uma história e faz encenações, com direito a figurino, fantoches e tudo. A programação tem os contos *O menino do dedo verde* (06/10), *O gigante e o cigano* (08/10) e *Lá vai o menino* (09/10).

Troca de Brinquedos !FEIRA

06/10, das 10h00 às 13h00

Quadra de esportes da Amocanto, no Canto da Lagoa (Rua Laurindo Januário da Silveira, 313, Lagoa da Conceição, Florianópolis)

Cada criança leva um brinquedo, DVD ou livro que já não tenha tanta graça para ela e escolhe algo em troca.

TEATRO

"O menino do dedo verde", dia 6/10, faz parte da maratona de contos do SESC



Foto: Ricardo Silva

Cirandar !AO AR LIVRE

07/10, às 16h

Parque do Horto Florestal (Rua João Pio Duarte Silva, 500, Córrego Grande, Florianópolis)

O Grupo Cultural Roda Viva mistura teatro, música e brincadeiras tradicionais como boi-de-mamão, estátua, cirandas, cacuriá, afoxé, maracatu e pé de lata.

No Dorso do Rinoceronte

!MÚSICA

12/10, às 15h

Teatro Sesc Prainha (Travessa Syriaco Atherino, 100, Centro, Florianópolis)

Os músicos Silvio Mansani, Luis Canela e Marco Lorenzo tocam samba, jazz, baião e marchinhas educativas em um espetáculo para agradar crianças e adultos.

Garrancho de amor à ilha



As ilhas não têm pra onde ir e isso as força a olhar mais para si mesmas

Por Débora Rossetto, com ilustração de Felipe Parucci

Costumo lembrar que moro em uma ilha em duas situações: quando preciso sair dela e vejo que estou presa, ou quando percebo que todo mundo conhece todo mundo e imagino uma ilha ovo autocontida.

Uma ilha passa ao mesmo tempo as sensações contraditórias de se conhecer todo mundo e de se ter muito a explorar. Afinal, a primeira coisa que se faz, ao atracar ou cair

numa ilha, é tentar chegar ao outro lado. É preciso achar esse outro lado e o que ele guarda. Se possível. Toda ilha tem seus mistérios...

As ilhas não têm

pra onde ir e isso as força a olhar mais para si mesmas. Vantagem ou desvantagem? Difícil saber. O fato é que nos relacionamos mais diretamente com uma ilha. Parece que sabemos mais a sua dimensão, entendemos seus limites – que são mais ou menos como os nossos. Há **algo de acidental** e não solene em uma ilha. É apenas um pedacinho de terra perdido no mar.

Há ainda outra situação na qual lembro que moro em uma ilha: quando preciso explicar pra algum gringo onde moro e me parece muito mais poético falar que moro em uma ilha no sul do Brasil do que em uma cidade desconhecida com um nome que, além de vergonhoso pra mim, seria impronunciável pra ele. Quase posso ver a imagem que se forma na mente de quem

escuta “uma ilha no sul do Brasil”. Isso porque quase todos imaginamos há muito tempo ilhas desertas e paradisíacas.

A pergunta “O que você levaria para uma ilha deserta?” nos lembra que não nos bastamos. Que precisamos de coisas além do nosso corpo. Que é impossível viver só. Além disso, é a possibilidade de realização de desejos. Afinal, “Quem você levaria para uma ilha deserta?” revela nosso desejo mais puro. Quais **coisas loucas e proibidas** já foram feitas em uma ilha, nem que essa ilha fosse apenas a sua cabeça?

Teoricamente, não há separação entre o que é uma ilha e o que é um continente. Continente. Continência. Ilhas contêm nossa incontinência. É como se nos fizessem sentar. Parar e olhar. Contemplar. Talvez por isso, estando nelas, vejamos sempre mais belezas – porque vemos mais.

Estar numa ilha tem um quê de prisão, mas sentir-se preso é preciso. Grandes batalhas se iniciam de sensações como essa. Ilhas têm uma força que **parece agarrar** a todos e a cada um. Acho que nunca mais sairei daqui. Porque “depois da ponte”, ouvi uma vez, “é Chapecó”. É o que não interessa, foi o que quiseram dizer.

E antes que os separatistas peçam a independência das ilhas, não!, digo que é preciso que elas se espalhem (um pouquinho que seja) pelo continente que as cerca, sob o risco de perderem-se ensimesmadas. Como nós. Uma ilha somos nós. Nós somos ilhas. E faltam pontes. »

Estar numa ilha tem um quê de prisão, mas sentir-se preso é preciso. Grandes batalhas se iniciam de sensações como essa



Igreja do Rosário Foto: Stefano Maccarini

Muita gente que passa por ali não imagina a história vergonhosa que o local guarda. Fundada em 1750 e reformada algumas vezes depois disso, a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos conta muito sobre a **exclusão racial** dos séculos passados. Foi erguida na época da escravidão, para

que os descendentes de africanos pudessem praticar o cristianismo sem se misturar aos **brancos na Catedral**. Por ironia, as grades que hoje cercam a igreja são restos do portão de ferro que isolava a Praça XV em meados de 1800, quando negros eram impedidos de frequentá-la. »



O grafiteiro das bestas



Curta catarinense é premiado



O novo livro de Varella